

Editorial/*Editorial*

Ocorreu em São Paulo, entre os dias 23 e 25 de fevereiro último, o Seminário Internacional sobre a Implementação do Relatório Mundial sobre a Deficiência, marcando o lançamento da versão desse documento em Português. O objetivo expresso desse Seminário foi “identificar os desafios à implementação das práticas recomendadas pelo Relatório no sentido da promoção de oportunidades iguais para pessoas com e sem deficiência...”.

Sem dúvida foi um evento bem sucedido, com a participação de quase mil pessoas, representantes de 15 países e 23 estados brasileiros. O envolvimento de instâncias como o Secretariado para a Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência da ONU; a Rede de Desenvolvimento Humano do Banco Mundial; o Escritório de Pesquisa da CIF; a Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo e da Coordenadora da Área Técnica de Saúde da Pessoa com Deficiência do Departamento de Ações Pragmáticas e Estratégicas do Ministério da Saúde (nossa querida colega fonoaudióloga, Dra. Vera Lúcia Ferreira Mendes), foi um indicador claro do possível impacto nacional e internacional do documento.

O fato do evento ter sido organizado pela Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, sob o comando de uma fisiatra (Dra. Linamara Battistella) que tem liderado avanços indiscutíveis, gerou uma tendência natural à maior ênfase nas deficiências físicas e motoras e numa participação relativamente pequena da Fonoaudiologia. Essa é uma realidade cuja mudança depende de nós.

Alguns pontos, entretanto, dizem respeito a toda a área da reabilitação e merecem consideração pela Fonoaudiologia.

A necessidade de melhor preparo dos profissionais de saúde e educação foi enfatizada por diversos participantes como uma forma de garantir maior igualdade no acesso aos recursos de saúde e educação. O aperfeiçoamento da comunicação é considerado um ponto-chave nesse processo.

A importância de dados comparáveis a respeito de barreiras e facilitadores funcionais, que possibilitem o desenvolvimento de uma “epidemiologia da funcionalidade e da inclusão”, que tenha significância global, foi outro aspecto abordado por vários palestrantes.

Essas informações a respeito da funcionalidade são essenciais para a determinação de objetivos e propostas de intervenção mais eficientes e apropriadas. Aspectos funcionais de cada especialidade devem ser determinados, buscando a identificação de temas comuns que possam ser compartilhados.

Foram também mencionadas iniciativas que estão sendo iniciadas no âmbito internacional, como a inclusão da funcionalidade como um dos temas da CID-11, que está em fase de construção. Para isso, é importante a identificação das profissões mais importantes para a reabilitação, que possibilite a criação de uma lista de especialistas sugeridos para auxiliar nesse processo. Creio que cabe aqui uma ação concreta da Fonoaudiologia, no sentido de compor essa lista de especialistas e participar dessas discussões.

Uma impressão geral interessante diz respeito à dificuldade no uso consistente e coerente da CIF, que aparentemente é compartilhada por todos, e a sugestão do desenvolvimento de diretrizes para essa utilização. Não vou negar minha satisfação pela valorização da funcionalidade, uma área com a qual venho trabalhando há mais de duas décadas. Concordo com as sugestões de que análises funcionais mais adequadas possibilitam a identificação das áreas de intervenção prioritárias e, dessa forma, a otimização dos recursos de intervenção. É importante lembrar que a Fonoaudiologia não está parada nesse sentido. A SBFa e o CFFa vêm, há alguns anos, incluindo esse tema em suas discussões e implementando o emprego prático dessas noções.

O Relatório Mundial sobre a Deficiência pode ser um importante instrumento para o desenvolvimento de ações em Fonoaudiologia que ao mesmo tempo fortaleçam o papel desse profissional e aprimorem o atendimento a pessoas com diversos tipos de deficiências.

Fernanda Dreux M. Fernandes
Editora executiva do JSBFa